

Ansata

Capítulo L

- Hum... Governantes... Blablablá... Diretor artístico do teatro... Descrição das peças... Ky... Pelo destaque na página deve ser o título da rítua. Nunca eriei... Sugestivo... Recorda minha filhinha... e é sinônimo de Dança... de Alma...

Em caracteres enormes, embaixo, só pode ser o autor... Said Oigrés... Nome mais estranho! - e Clausar, trajando branco (senão pelos peripassos, marrons), inusitadamente de paletó (como exige o lugar), prossegue, a resmungar baixinho:

- Elenco...

Bailarinos solistas: Ansata e Nysio Degan.

Akena tem sido aclamada! Ninguém sabe de onde surgiu; e, de repente, é a maior do planeta. Não resta dúvida: ou é um gênio de precocidade, ou a mídia tem feito das suas... Apenas dezesseis espectros! Não é possível! Não dá ritmo para se experimentar assim, para se adestrar tanto... Curioso... Ky estaria justo com esta idade... Onde estará Ky?! meu Géó...

Maestros regentes... Hum... Cromat sim, cromat não... Revezam-se. Este conhecimento: hoje é o melhor!

Cenógrafo... Maestros do coral lírico... Geível! O maldito *libreto* não traz o nome do...

Ah! Perdido nas letras miúdas, como geralmente... Coreografia: Oiduálc Atsitpab... Difícil de ler! Parece keferiano... Também quamnum eriei falar.

Bom, vou voltar ao enredo, ou posso não entender o bailado. Não sei... Não sei mais se prefiro a dança pura, a expressão matemática de rítuas como as de Bastijo Chaan transformadas em movimento, ou estas outras, baseadas em entrecho... Ora! sei, sim: as duas têm nônada e lugar: não há melhor ou pior. O libreto informa:

“Muito mistério cerca o recente aparecimento dos manuscritos de Ky entre as ruínas próximas a Khaafur, em Kéfer, o arcano. Num deles, destaca-se a história de Ky e a rítua de mesma denominação, composta por Said Oigrés. O texto antiqüíssimo e a partitura foram decifrados por psicoarqueólogos membros da *Ordem Rodotrígona*, mística e antiga organização cuja origem tradicional remonta a períodos anteriores a Kéfer, segundo os *rodotrígonos*.”

“O paradoxal documento com a rítua e a história de Ky (já chamado ‘Manuscrito de Ky’ por seu realce) eleva os keferianos à condição de povo tecnologicamente avançado - pois Ky não é uma kena; sim, um robô! Esse robô com formas femininas foi criado por Atsitpab, mestre da mecânica - ou seja qual for a enigmática ciência keferiana perdida, capaz de erigir as imensas piredras em tão remota época.”

Uê! O nome do mestre é o mesmo do coreógrafo! Tem alguma coisa oculta *entrescancarada* nesta história...

“Atsitpab passa os cromats isolado em seu laboratório e não se contenta com a companhia do robô. O mestre quer mais de sua criatura. A cena de abertura do bailado inicia-se nesse ambiente, e...”

a entrelaçarem-se em seqüência acelerada e a ampliarem-se no espaço interior, como se expandem as espiras na vastidão cósmica. Clausar fita as cortinas cerradas do palco; e, com os sentimentos, vem a rememoração vívida do motivo de sua presença, hoje, no Teatro de Rio de Luminância. As palavras escapam-lhe dos lábios; e unicamente ele as escuta, proferidas qual sincera oração:

- Quando tecia minhas psico-páginas na GGG, descobri a Ordem Rodotrígon, ali abreviada pela sigla *OR*. Interessei-me em seus discretos anúncios, pois neles encontrei a ausência de dogmas e a promessa velada de, por meio da técnica mística, alcançar os mesmos efeitos conseguidos às custas dos enormes riscos do KSE. Duas vezes, redigi em vão mensagens à *OR*, solicitando o ingresso, declarando minha experiência espiritual. Na terceira, fui menos arrogante e obtive resposta. Ou penso tê-la obtido, pois recebi uma simples linha no monitor, anunciando este espetáculo de dança; e, no final, apareciam as duas letras: *OR*. Só isso.

E aqui estou, pronto para mais uma tentativa, desta vez sem o ácido... Alcançarei Géó por mim mesmo, livre do torpógeno maldito? - e Clausar não tem mais ritmo para pensar: a misteriosa e estranha rítua o alcança, vinda lá do poço da orquestra (ou da profundidade dos hecaspectros de Kéfer); e o pano de boca entreabre, e sobe, e abre, e some; ascensionário acento circunflexo a transformar um Ô em O, o O em Oh! e desvelar o Ah! do ambiente cenográfico.

Compasso quaternário; duas notas, das cordas, em pergunta, mais duas, doutras cordas, em resposta; pizicatos de etérlas graves criam atmosfera indecisa e mágica, onde, de quando em quando, de espaço a espaço, de lado a lado, perpassam névoas etéreas de sons em suspensão, com seus alados cantos, felizes e despreocupados.

O géon da lúmia banhada de pran entra pela janela no alto e é moderado (nem claridade intensa nem sombra profunda) entre

as paredes de pedras grandes e irregulares do laboratório keferiano, no qual se destaca, à esquerda e sinistro, rochoso prisma de faces retangulares e seção triangular, com uma das arestas fincada no chão: a mesa de trabalho, baixa e extremamente polida. O cenário é discreto e não chama a atenção, como convém; mas, se fosse pleno de revérberos volantes, não ofuscaria ou distrairia o enk: deitada sobre a mesa litóide, está ela... Ela, a criação de Atsitpab. Ela, cuja plástica vivifica o fundo cenoplástico do mundo. Ela, o robô.

De pé, debruçado sobre a criatura mecânica, mãos estendidas em gesto de chamada, move-se devagar, no andamento da melodia serena e grave, coa elegância dos mestres bailarinos e a precisão dos magos, Nysio Degan, personificando Atsitpab, o criador. O vestuário do artista compõe-se de simples tanga, feita da pele dalgum animal extinto, quiçá nos ritmos do mais antigo Kéfer, pois Clausar nunca havia iriado esse padrão de pintas negras sobre fundo amarelo. Cabelos castanhos e írios azul-claros, o bailarino traz largo protetor de metal soládico ao redor de cada pulso e, de resto, afora a tanga, está desnudo. Um tanto incomum para os padrões geóctones, seu corpo sem exageros é, contudo, forte, magro, viril, bronzeado, de musculosa volatilidade, e o tom da pele combina-lhe com o da tanga e o dos braceletes. Ah! Apenas uma faixa, de tecido branco e ligeiro, destoa na nuance do conjunto, amarrada por laço folgado ao redor da cintura de Atsitpab, onde sustém pequeno punhal.

Ela, a Dança, permanece como não deve ficar: deitada.

Atsitpab estira mais seus braços, segura coa mão esquerda o corpo hirto da máquina pela cintura, e com a direita rodeia-lhe por trás o esguio colo. O movimento descrito transcorre em três trânticos. O criador move o robô inteiro da posição horizontal à vertical, mantendo sua destra no pescoço dele, apanhando-lhe a destra na sinistra e trazendo-o para si. O braço da máquina estica-se, reto e rígido como soem ser os membros dos entes inanimados. Outros dois trânticos são suficientes para esse ato.

Suficientes outrossim para Clausar deslumbrar-se! Jamais, em todos os seus trinta e oito espectros, o enk admirara um corpo tão absolutamente perfeito, tão feminino como o daquele robô sem gédia. E um arrepio de prazer e antecipação faz vibrarem todas as fibras do geóctone, ao recordar-se: não é, em verdade, um robô! É Ansata, a bailarina, a interpretar o robô!

Eis a Dança de pé! E de pé permanece, como não pode ficar: parada.

A máquina traja veste levíssima, de cor indefinida e clara, tecido liso e transparente; duas peças talhadas à pressa por seu criador, com o mero intuito de não a deixar despida. A saia assimétrica enviesa, deixa-se atravessar sensualmente pela imagem da *pelve* e termina abaixo dos joelhos. O corpete sem mangas marca a cintura, cola-se justo ao tórax e abre amplo decote em arco. Leves sapatilhas de pontas reforçadas, livres de fitas ao redor dos tornozelos, harmonizam-se e desaparecem no matiz e na forma. Enquanto não se move, em tudo o mecanismo parece kena real: alta e delgada, poucos centitrezêmbilhos sob a estatura de Clausar, cabeça augusta, cabelos negros ondulados e longos, pescoço nobre, ombros aprumados, costas planas, braços elegantes de pulsos delicadíssimos, mãos suaves, pele alva igual a floca, seios firmes e imponentes de deusa descida a Géa, quadris voluptuosos, coxas arredondadas de ampla superfície, e aquelas pernas longilíneas, retas como os compassos, as mais belas e torneadas pernas jamais vistas pelo enk, unidas no mais agudo e apertado vértice. Mesmo tão bem desenhada, dona de curvas tão expressivas, coisa alguma ultrapassa na diva mecânica a medida da perfeição. Na tela psídica, elevada sobre o proscênio, Clausar encontra de perto a face do robô; e, sob as encantadoras sobranceiras retas, a cor profunda dos írios castanhos esverdeados faz o enk paralisar-se, frio e gelado feito o autômato: naquele espelho virtual, esses írios são os seus!...

Em mais dois trânticos, do pescoço ao braço esquerdo da criatura, Atsitpab desliza a destra e, ao chegar-lhe aos dedos, puxa-a para si, juntando-lhe as mãos de máquina às de vivente suas. O robô está de pé, braços estendidos, mãos entre as mãos de Atsitpab, na vizinhança do leito pétreo.

Outros dois trânticos deambulam, se não *deandam* (e, não, decorrem, pois, ali, nada inda corre)... Atsitpab solta no ar as mãos da máquina e eleva as suas, estimulando-a a imitá-lo. Porém... em vez de acompanhar o deslocamento gracioso e contínuo do mestre, o autômato levanta os longos braços aos impulsos (corrigindo-se, monitorizando-se e reajustando-se para obedecer ao comando) e, em mais quatro cruciantes trânticos, afinal realiza o movimento, com a frieza das engrenagens bem usinadas, montadas... e mortas.

A rítua ora imita o desejo de Atsitpab e flui, harmoniosa; ora reproduz a resposta do robô e progride, sincopada e arritmica.

O mestre desanima, dirige-se contrito ao fundo do laboratório e deixa o espaço livre para a máquina cumprir tentativas inócuas de satisfazer os desígnios da programação, simular gédia e mitigar a ânsia de Atsitpab per companhia. Não, a vibrátil companhia de uma kena verdadeira, cheia de vontades; sim, a *dalguém* submisso, e servil, e todavia belo, e ágil, e ardente, e vivaz.

Súbito, um acorde maior. Uma resolução. Impetuosamente, Atsitpab avança té a máquina e comprime-lhe um ponto (uma chave talvez) imperceptível entre os seios. O autômato estaca, imóvel, em precário equilíbrio (difícilimo de ser mantido por ente gédio) e equíponderante feito nada já foi: não, na horizontal da balança; sim, na vertical da lança, entre a levitação e a gravidade. A rítua pára.

Atsitpab desata a faixa da cintura, saca do punhal na direita e alça-o com o pano ténue no ar. A arma refulge. Uma agregação brilha.

O criador do robô desce a lâmina sobre a própria palma da mão esquerda e, com a dor, deixa cair o punhal. A faixa tingem-se de rubi. A habilidade de Nysio Degan veda ao público perceber: o bailarino vai puxando de dentro do bracelete esquerdo outra faixa do mesmo tecido, e essa outra é rubra! Com a aflição do corte, Atsitpab contorce as mãos, e Nysio Degan aproveita o movimento para enrolar as duas faixas, formando branca e vermelha corda; dando a impressão de estar vertendo o sangue na faixa alva, e de esta ser a única, manchada pelo líquido gédio!

A rítua recomeça, em novo andamento.

O ente mecânico persevera, inerte, na posição impossível.

Uma ponta em cada mão, Atsitpab estica a faixa bicolor e enlaça-a na cintura do robô.

Nada acontece.

O criador endireita o corpo da máquina e volta-o de frente para o fundo do laboratório.

Atsitpab curva-se, apanha o punhal, anda até a parede e golpeia-a com cinco traços retos ante o autômato. A ponta aguçada da lâmina risca profundamente na pedra um nome de duas letras:

Ky

Nada acontece.

Atsitpab guarda o punhal, torna ao robô, toca-lhe o ponto ou chave oculta entre os seios... e o autômato move-se com a mesma indecisão costumeira, atarantado, aos arrancos, iriando sem direção.

O mestre segura a cabeça da máquina e obriga-a a fitar, na parede, o nome gravado. O robô faz cinco movimentos com a face, acompanhando os cinco traços dos dois caracteres, e parece compreender: eleva o braço esquerdo e risca alto no ar, com cinco linhas retas imaginárias, o nome Ky. O corpo da máquina balança, compensando a inércia de cada ação.

Atsitpab desiste. Leva o robô até o leito de pedra; deita-o na posição inicial; cai-lhe, cansado, ao lado; toma-lhe na sinistra a destra... e dorme. O robô conserva-se de írios abertos, e apenas sua mão esquerda baila automaticamente sozinha, riscando mui e muitas vezes no ar, no compasso da rítua, o nome Ky...

Prânia põe-se, e faz-se pétrea escuridão. A máquina aquietase; e tudo estaciona, sáxeo, entre as paredes de pedra do laboratório.

Um a um, e todos num, os raios soládicos de Rá repontam, iluminam o ambiente e incidem em cheio na máquina. A tela psídica mostra-lhe a feminizada face *robótica* de perto; e Clausar vai tomando-se de mecânicas angústias, uma a uma, e todas numa: o desespero, misturado a intensíssimo desejo. Oenk precisa, necessita; é-lhe imperioso descobrir quem é Ansata, aproximar-se de verdade daqueles írios profundos, daquele rosto enigmático (desconhecido e, ao mesmo ritmo, familiaríssimo), daquele corpo divino, daquele interfemínio imaculado feito um ponto final em branco

A rítua traz sons de pássaros distantes; e Atsitpab desperta, ofuscado, no géon do astro crômato. O criador da máquina solta-lhe a mão de robô, vai até um canto do laboratório, aciona um cordão... e undiflavo véu reduz o géon de Rá. A luminosidade semelha a da lúmia anterior, e o mestre prepara nova tentativa.

A posição dos dois bailarinos é exatamente a mesma de no começo do espetáculo. Nas partituras da orquestra surge o símbolo *D.C.*; a rítua torna a esse ponto de repetição e, *da capo*, repete-se.

Novamente, Atsitpab estira os braços, segura coa mão esquerda o corpo do robô pela cintura, e ela cede, mais fléxil. Com a direita rodeia por trás o pescoço da máquina, e ele curva-se, graciosamente. Esse movimento transcorre em três trânticos.

Mais uma vez, Atsitpab move o robô da posição horizontal à vertical, mantendo sua destra no colo esguio dele, apanhando-lhe a mão direita coa sinistra e trazendo-a para si... E o braço da máquina estica-se; não mais reto e rígido, como soem ser os membros dos seres inanimados; sim, donairoso, e belo, e ágil, e flexível, e vivaz! Dois trânticos são suficientes para esse movimento.

Em mais dois trânticos, Atsitpab desliza sua direita do pescoço ao braço esquerdo da criatura e, ao chegar-lhe aos dedos, igualmente puxa-os para si, juntando-lhe as mãos às suas. O robô está de pé, os braços estendidos, as mãos de máquina entre as mãos viventes de Atsitpab, perto do leito pétreo.

Noutros dois trânticos, Atsitpab solta no ar as mãos robóticas, eleva as suas, estimula o robô a imitá-lo... e ora o ente mecânico acompanha o deslocamento gracioso, contínuo, do mestre!

Durante quatro longos trânticos, a máquina sobe os braços, completamente relaxados e fluídicos, mãos pensas, pulsos presos por impulsos magnéticos do criador; o corpo robótico estira-se-lhe nas pontas dos pés; a cabeça e os cabelos negros pendem-lhe para trás. O público sente: se Atsitpab desligar dos punhos da criatura o mágico elo, ela decairá qual trapo no chão. E os trapos caem feito os seres gédios desfalecem; não, aos trambolhões, igual os objetos!

De repente, lá no alto, a mão esquerda do robô desenha sozinha um nome, com cinco traços curvos, da mais branda e absoluta continuidade, emendados em linha unifilar; e todos podem ler no ar, como o papel não pode imitar:

Ky

Contido ponto de exclamação ressoa no ambiente da platéia, e acrescenta-se, na atmosfera do laboratório, ao desenho da criatura vivificada:

Ky!

Atsitpab fita as letras invisíveis no ar... e respira, felicíssimo! Sua máquina adquiriu gédia! Ele (com seu sangue, a lúmia, o pran, o ritmo, os raios de Rá... e seu beldo) insuflara-lhe a gédia!

Géon! Gédia! Beldo! E tudo isso agora tinha nome!

Ky!!!

Atsitpab escreve no ar; e Ky intransitivamente reescreve, qual eco; ambos, coa perfeita continuidade dos grandes bailarinos. A técnica absoluta da kena de mil aspectos e dezasseis espectros, Ansata, mantém-na imóvel nas pontas dos pés, cabeça e cabelos negros caídos para trás... e só a esquerda (a prodigiosa mão flexível) segue no júbilo gédio, a copiar e recopiar o nome, enquanto a orquestra reproduz cada traço com o motivo condutor da rítua.

Alfim, como deve e pode, embora num só gesto ainda, a Dança baila! E a Dança rege a o maestro, a o som, e a o mundo.

Nysio Degan interpreta na face a exultação de Atsitpab. Com enlevado aceno, de prestidigitação ou pura magia, o dançarino estira o braço direito para o alto e interrompe o arroubo do robô, de Ansata, de Ky!... Agora a máquina tem nome!

Em movimento de um trântico, Atsitpab aproxima-se de Ky e segura-a pela cintura coa sinistra, membro superior destro já estendido na horizontal.

Ky deixa-se flectir, o corpo pende-lhe para trás e à esquerda durante dois longos trânticos; e os braços ainda elevados acompanham o deslocamento com desembaraço invisível em Géa, mesmo nas mais veneradas bailarinas de Rêmia e nos passes-passes dos mágicos keferianos. Pés unidos a roçarem o piso, as pernas retas de Ky inclinam-se, juntas, e apontam para a direita do laboratório.

Os dois artistas permanecem à esquerda, próximos da mesa granítica. Atsitpab inicia longo recuo para a direita e arrasta Ky pendendo pela cintura, deitada em suas mãos, na mesma posição anterior. As pontas dos pés de Ky deslizam; não, rumo ao ângulo agudo, fácil de manter-se por natureza; sim, de frente, para o obtuso, feito a aresta da ferramenta de corte risca o metal e o formão o pau; e nenhuma trepidação ou descontinuidade as retém, durante três trânticos, até chegarem ao lado direito do laboratório.

Sem interromper a fluência da dança, Atsitpab detém-se; coa presteza dos seres incorpóreos, põe Ky de pé; e ninguém sabe se essa continuidade foi possível devido à energia física do bailarino, ou se Ky imperceptivelmente forçou ponto de apoio no piso para nele fixar as pontas das sapatilhas, facilitando a elevação de seu corpo. Provavelmente, o ato resultou da combinação das duas técnicas com a arte inigualável de Ansata e Nysio Degan.

Ao aprumar-se, encintada nas mãos de Atsitpab, Ky estriba-se na ponta do pé direito, ergue os braços em losango, emoldura neles o semblante, estende a perna esquerda, eleva-a além da horizontal, esboça um círculo completo, exalta-o coa ponta do pé a espiral, encolhe-a quase até o chão, enviesa a cabeça para trás e encerra o corpo ereto de costas nos braços do criador.

Essa última ação transcorre em nove trânticos, e é longa o bastante para Clausar impender da razão, cair na emoção, desfrutar os movimentos, ser conquistado definitivamente pela certeza da técnica absoluta de Ansata e entregar-se por inteiro ao encanto!

O contraste entre os movimentos do robô e de Ky apresentam os extremos da habilidade de Ansata; e nada mais resta a discutir ou pesquisar: Clausar é dominado pela bailarina como Ky pelo criador.

- Meu Géó! Esta não é uma náiaide qualquer, nem uma simples Ritma; sim, uma Deusa! Ansata não semelha Beldite; se existe a Deusa da Dança, Ky, Ansata é Ela!

Os tríncicos passam, Nysio Degan conduz Ansata de um lado para o outro; e os dois mestres transmitem a sensação desejada pelo coreógrafo Oiduálc Atsitpab, de acordo com a história de Ky: o robô transformado em ser obedece submisso aos comandos do criador; e este o traz soniotizado, deslumbrando-se com a própria obra, premiado pela fluidez dramática e bela da gédia.

Atsitpab tem entre as mãos (e raramente solta) o corpo mais flexível; o moto mais contínuo, semovente, fácil, etéreo e, por junto, preciso, equípendente, difícil, técnico. A mobilidade inata e a materialidade técnica rendem-se à espiritualidade da Arte: a emoção domina tudo e todos no Teatro de Rio de Luminância.

Ky é levada por Atsitpab; é balançada; é rodada qual laço no piso; é erguida, sem peso, no ar; é deitada; é estendida; é contraída; é virada de ponta-cabeça, pernas unidas retas, a apontarem o zênite; é rodada por trás das costas dele e a florada, na ponta de um próprio pé, na ponta doutro, de cá pra lá, contra o beijo pronto do chão; é girada, regirada, lento, lesto, perene juguete do imperioso mestre.

Atsitpab levanta Ky sobre seus ombros e a sustém durante sete tríncicos por toda uma volta ao redor do laboratório. Ao ser pousada de pé, ela dorme; e o mestre verifica se o faz de fato, inclinando-lhe, coas mãos, meigamente, a cabeça, para a esquerda e para a direita. Persuadido, Atsitpab solta-a e afasta-se; pois, torpente, Ky não poderá escapar. O criador fica a observar, embevecido, o vaguear sonambúlico da criação.

Eis... senão quando, Ky desperta! Está livre! Pode iriar ao redor, caminhar, ter gédia própria; e o faz com exuberância, ignorando per completo a presença de Atsitpab, atônito!

Atsitpab corre atrás de Ky, alcança-a e procura retomar a soberania. Ky tenta fugir, e ele corta-lhe o caminho; não, como bilaquianas asas, tontas de luz, cortam o céu; sim, feito autor suicida nos trilhos do amor, estirando-se, tonto de paixão, no tablado chão.

Ky não pode pisar o amo; rodopia na ponta dos pés unidos, inclina-se, roda reta em contínua pirueta sobre o eixo mais e mais obliquado (cinta rotante roçando as pontas dos dedos de Atsitpab); e o mestre levanta-se; circunda-a; trava-lhe a cintura nas poderosas mãos, perfeitos parênteses em (o) minúsculo; de barra/ interrompe-lhe o caimento; firma-a, de dorso, no hífen sem fim da horizontal; e beija-a no áqüeo trema entre os seios, enquanto os líqüidos cabelos negros espiralam, ondeiam e escachoam no tablado, imitados pelo tecido espúmeo da veste diáfana, vivificado por hábil iluminador.

A platéia freme, num sem-fim de admiração! A técnica de Ansata e Nysio Degan não se resume em realizarem movimentos e poses: nela brilha o significado maior de *como* são realizados.

O senhor obriga a serva a executar os gestos mais submissos; deita-se no tablado; põe-na de costas sobre seus joelhos e mãos; equilibra-a na horizontal; desce-a sobre si; abraça-a; roda-lhe por cima e agasalha-a, estendida no chão; descobre-a; afasta-se um pouco; atravessa-se na perpendicular; enfia seus pés por debaixo dela sob a cintura, e a faz rolar várias vezes, nos impulsos da rítua.

Mui rapidamente, durante um desses rolamentos, Clausar eleva os írios para a tela psídica e pode entreiriar de perto o bico rosado e virgem do seio esquerdo de Ansata, pelo arco do decote. A imagem não dura mais de um estato, e o quadro grava-se para sempre na memória do enk.

Aprumada Ky por Atstitpab, este se lhe estica de comprido adiante no piso; e um dos pontos mais altos da apresentação é atingido, quando Ansata gira lentamente com um tornozelo preso entre as mãos de Nysio Degan, a outra perna e os braços elevados, completando uma volta e meia, para ser solta e ficar em equilíbrio, mantendo-se absolutamente imóvel e sozinha na ponta de um pé durante eterno trântico, enquanto o bailarino se levanta... e prende-a pela cintura.

Apesar dos esforços e da magia de Atsitpab, Ky não é mais o autômato humilde: quer sair, conhecer o mundo fora daquelas paredes sólidas e frias, sentir o géon de Rá na pele, desfrutar a gédia. Se contrafundo puxa a gravidade e acima o céu, voar!

Para um lado, para o outro, Ky escapa de Atsitpab num par de ocasiões; ele a segue, cerca-a, e bem assim duas vezes gesticula-lhe o comando para deitar-se. Ky desobedece; ouve-se-lhe da saia o ró-ró de pião no ar; e Atsitpab desiste de forçá-la: tenta reconquistá-la com doçura, tomando-lhe as delicadas mãos entre as suas.

O criador está perdidamente apaixonado pela criatura. E Clausar está perdidamente apaixonado por Ansata...

Aos trinta e oito espectros, o geóctone alcançou extremo vigor físico, pois não passa o ritmo exclusivamente no Laboratório **CRCG**: várias nônadas por cromat, mantém e aumenta a forma de seu corpo invejável exercitando-se em massafilismo, artes marciais das Ilhas Vulcânicas e técnicas relaxantes de Absolutação. Esse treinamento dá-lhe a antecipação direta, percebida na própria musculatura, de cada movimento de Nysio Degan e o faz intuir a natureza do espaço, feito os melhores esportistas são capazes. Aquecido coa excitação, Clausar tira o paletó branco, dobra-o e põe-no de lado na poltrona, junto com o libreto. Entre tantos assentos, ninguém o verá em mangas de camisa no ambiente escurecido, igual ninguém vê o quarto ponto das reticências...

O enk sente-se na pele de Atsitpab, compreende-o tão profundamente, a ponto de se tornarem um só. E da mesma forma, para Clausar, Ky e Ansata já são uma só.

Atsitpab prostra-se ante Ky. Ela foge. Ele a segue, arrastando-se pelo chão, e prende-lhe os pés entre suas mãos. Ky põe-se a caminhar, e a energia da máquina revela-se: passo a passo o senhor é arrastado, e isso pouco dificulta o avanço da serva. A magia não exerce mais seu império: o peso maior é interior, e a gédia recém-nascida de Ky não suporta a gravífica emoção de Atsitpab.

O criador levanta-se e toma a criatura entre os braços, pelas costas. Ky aconchega-se-lhe, pois não o odeia: apenas deseja experimentar a gédia... e, nisso, esquece-se de fugir.

Esse estado basta para Atsitpab retomar algum domínio; e o mestre resolve testar seu poder, andando para trás. Magneticamente as pernas de Ky são atraídas e acompanham-lhe a movimentação, colando-se às dele. Os dois regridem; Atsitpab levanta e embala o corpo de Ky, depõe-na de pé no chão; ela curva-se; ele a apruma, estende seus braços e liberta-a com suavíssimo impulso. Sem tremular, Ky desliza de frente nas pontas dos pés e distancia-se para a máxima direita do laboratório. Então Atsitpab reata o laço imanizado, retrai o campo fluídico... e Ky retorna-lhe de costas, a deslizar de novo na ponta dos pés, cegamente até as mãos. O ir-e-vir transcorre coa precisão e a linearidade dos pêndulos, qual se Ky estivesse presa nas elásticas alturas por impalpável cordão.

Atsitpab julga ter recuperado o domínio sobre Ky... e ela desperta outra vez, e outra vez quer fugir.

Amargurado, por fim o mestre desiste. Enquanto Ky se debate graciosamente, movendo os braços coa flexibilidade undíflua dos seres gédios, Atsitpab, num movimento brusco, arranca-lhe da cintura a faixa manchada de sangue.

O meneio braquial da criatura não se interrompe e, na metade de um arco (inigualável pelos compassos), torna-se entrecortado e mecânico [igual os apelos dos passos]: caricatura.

Angustiadíssimo, Atstitpab enlaça o robô pelas costas, beija-o na face por detrás, e repete o gesto de comando para deitá-lo. Sem expressão, a máquina obedece e enrija-se, túrgida como suas pomas, próximo à mesa de pedra, sob o facho do último talvez.

Atsitpab segura pela mão o autômato ereto e deita-o, em moção inversa à de levantá-lo no início da dança. O criador afasta-se e contempla a criatura, num fio oceânico de verde esperança...

A coisa braceja, aos impulsos abruptos; e já o braço destro pausa-lhe, inerte. Em surtos, a sestra gizava-lhe dois caracteres na atmosfera... e não: a verdeal esperança cristalizara o ar em esmeralda.

Talvez a luz?... Atsitpab retrocede e afasta o reslumbante véu de sobre a abertura. Larga listra de géon desce ao autômato e, conquanto seu poder visibilize o límpido vácuo, não pica o robô: a sinistra do engenho declina; aí, o braço; e a máquina pára-se de vez.

Atsitpab eleva a direita, mergulha-a na listra luminosa, fita a claridade, solta a faixa branca e vermelha no alto, e esta vai ao chão. Sobrenatural zéfiro desprende do teto o véu, este resvala undiferissimamente no vento, e (se todos contam vê-lo decair, tocar o tablado e horizontalizar-se qual líqua derramada) anima-se, sai de banda, descreve elegante parábola, sobe, encontra presto o caminho, espirala pela abertura e, feito a gédia de Ky, desaparece no espaço...

Desesperado, Atsitpab desliza os dedos entre os cabelos; cruza os pulsos; esconde o)rosto(entre os versos das mãos espalmadas para fora, a defender-se num parêntese inverso contra a realidade inteira; genuflecte; ajoelha; encolhe e chora...

...a cena congela-se... ...e o géon se apaga...

O Teatro de Rio de Luminância desaba, sob as palmas e os brados da platéia lotada, sobre o atropelo nos *strapontins*, enquanto o pano de boca se fecha, e as luminárias com o grande lustre expulsam as sombras... embora té estas aplaudam, e das negras mãos espirrem-lhes luzes! Mil comentários entremeiam os louvores:

- Géa!!!

- Como dançam, meu Géó! Gédia!!! Bis!!!

- E como teriam feito o véu subir e fugir pela abertura??
Você notou algum fio oculto?

- Se existem fios escondidos para guiar o percurso do véu, Ansata e Nysio Degan dançaram sobre eles, sem tocá-los!

- Géa!!!

- Muito bem!!!

Perdido no fundo do auditório, alguém profere estranha série de manifestações:

- Viva!!! Hurra!!! Bravo!!!...

Ninguém toma tento senão Clausar, o técnico:

- Viva? Hurra? Bravo? Quamnum eriei essas interjeições! E o timbre da voz! muito peculiar... Qual, deve ser algum fã excêntrico, querendo aparecer; e os érios, emocionados, enganam-me...

A aclamação dura eternidades, e a cortina se reabre. Ainda está lá (sob o géon reaceso de Prânia) a cena do laboratório, com o robô deitado sobre a pedra e Atsitpab de rosto entre as mãos. O palco encobre-se, por trás das ondas de veludo vinho.

Demorados trânticos depois, sob uma túrbia de flores, diante da platéia insistente, do maestro e da orquestra respeitosos (a plaudirem de pé), surgem no proscênio Ansata e Nysio Degan.

Clausar, ereto, mãos geladas em brasa, bêbado de emoção, percebe: Ansata volta com a faixa vermelha e branca na cintura!

Há mais danças no programa. O teatro ergue-se no silêncio, para revir abaixo em cada intervalo e reerguer-se, végeta floresta sob *moto-serras* de palmas. Clausar reacomoda-se; e, ora sozinha, ora acompanhada por Nysio Degan, Ansata baila como a lendária Ky, Deusa da Dança, descida a Géa: com a máxima expressão de gédia, fluidez e continuidade. Em todas as peças, (deste ou daquele autor, período ou estilo), Ansata mantém na cintura a faixa vermelha e branca. Clausar ata à memória esse emblema da grande bailarina, sem dúvida a maior coas pontas dos pés no planeta. E a insígnia mágica parece ter gédia, irradiar Géa e transmitir tal enigmático sumo bem à portadora, qual na história da rítua chamada Ky.

O espetáculo finda. Novos intermináveis aplausos, até das luzes, cujas áureas palmas espirram sombras, a plaudirem e gerarem plauditiva luz. Infundas reverências; mais flores obtidas à pressa, pois as primeiras deveriam ter guardado para o número final. E Ansata some-se na abertura da cortina, para não mais voltar...

- Meu Géó! Preciso aproximar-me dela! Preciso iriá-la nos írios! Tatear-lhe a faixa vermelha e branca! Atrever-me a tocar-lhe as mãos! Refrescar-me na *revência* de seu ventre... Ansata é minha resposta! É a resposta da OR! - e o enk esquece o libreto no vão da poltrona, ao tentar pôr-se de pé. Não consegue:

Nesse exatíssimo estato, a mente estrelaja; e Clausar é invadido por um turbilhão de sensações, um hurakyklôn de respostas, pronunciadas por Géó em silêncio para humilhar o mais poderoso

som. Elas ferem-no feito um raio, cuja preciosíssima ceráunia torna-se-lhe o coração; elas ribombam-lhe no Ky o mais atoador “SIM!!!” de um trovão! O eu relampagueia! A mesma amplitude do êxtase kysérgico é atingida; e a melhor forma de ora lhe apresentar a essência não é descrevê-la minuciosamente como na viagem do KSE; sim, imaginar ondas esféricas irradiando-se do âmago de Clausar para o infinito e simplesmente lhes listar a seqüência. Se formos capazes de sentir coa máxima intensidade cada emoção positiva e acrescentar incontáveis outras, estaremos mais próximos de compreender essa explosão contraditória de caos e ordem:

Paz, tranqüilidade, concórdia, harmonia, entendimento, sossego... ócio... alívio... consolo... refrigério... calma... acordo... concordância, conformidade, serenidade, compreensão, gédia, vida, existência, ser, substância, natureza, intimidade, realidade, ânimo, estímulo, vitalidade, vigor, robustez, veemência, valor, entusiasmo, alegria, júbilo, exultação, satisfação, contentamento, recompensa, prêmio, bem, felicidade, ventura, sorte, fortuna, abundância, fartura, profusão... exuberância... opulência... luxo... magnificência... grandiosidade, suntuosidade, pompa, generosidade, afabilidade, liberalidade, fausto, fertilidade, prosperidade, abastança, riqueza, cultura, civilização, progresso, experiência, conhecimento, êxito, sucesso, perfeição, pureza, primor, mestria, destreza, certeza, beleza, elegância, esmero, festa, diversão, admiração, dedicação, estro, flama, exaltação, arrebatamento, transe, inspiração, eloqüência, beldo, amor, respeito, zelo, devoção, afeto, adoração, veneração, constância, perseverança, firmeza, previsibilidade, segurança... amizade... fraternidade... união... estima... apreço... subjetividade, percepção, saber, capacidade, potência, poder, paciência, simpatia, benignidade, benevolência, delicadeza, sutileza, finura, cortesia, urbanidade, meiguice, lhaneza, dignidade, justiça, inteligência, habilidade, sagacidade, penetração, força, géa, energia, emotividade, qualidade, virtude, dom, honestidade, legitimidade, temperamento, caráter, personalidade, índole, resolução, brio, gênio, coragem, consciência, graça... Géa...

Tudo isso se passa fora do ritmo, e nenhum ritmo passa...

Clausar estira o corpo e espreguiça-se discretamente na poltrona, tão satisfeito como jamais um enk estivera.

Para complementar a imensa resposta de Géó, os compartimentos cerebrais do geóctone são varridos, testados e aprovados em suas funções; e a percepção unificada do Todo devolve-lhe o domínio sobre os sentidos interiores e exteriores, reativando-os em suas separações, indispensáveis à gédia corpórea. A memória acende géons de recordação, história, lembrança, saudade, pressaudade, reconhecimento e gratidão. Os relógios biológicos respondem com pulsos de eternidade, imortalidade, perenidade, duração e longevidade. A percepção do espaço apresenta-se com dimensão, comprimento, largura, largueza, amplitude, profundidade, altura, distância, longitude, posição, simetria, tamanho, grandeza, expansão e volume. O lugar do eu estabelece-se com sensações de morada, lar, lareira, família, cama, rede, languidez, quietude, proporção e ordem. A audição manifesta-se em som, intervalo, pausa, silêncio, sonoridade, consonância, melodia, intensidade, ritmo, andamento e musicalidade. A visão traz luz, sombra, escuro, penumbra, brilho, fulgor, cintilação, claridade, luminosidade, magnitude, nitidez, foco, esplendor, resplendor, rutilância, cor, matiz, nuance, transparência e contraste. O olfato instila perfume, olor, cheiro, odor, aroma e essência. O tato promete maciez, suavidade, agrado, brandura, aragem, brisa, carinho, carícia e leveza. A termestesia tem calor, tepidez, frescura, frescor e ternura. O paladar comparece com sabor, gosto e doçura. E a consciência do corpo físico geadiancia prazer, gozo, delícia, deleite, folga, vagar, imobilidade, relaxamento, repouso, descanso, parada, pachorra, lentidão, sono, lazer, indolência, moleza, preguiça, mandriice, saúde, ardor e paixão. Inumeráveis outras frequências da infinita gama de cada sentido definem-se, apartam-se e permanecem acesas, embora sinestesticamente se acoplem. E Clausar não procura mais por Géó, pelo Ser... Clausar satisfaz-se em ser.

O estado infinitamente pequeno onde ocorre a experiência do geóctone enfim termina. Clausar é novo Clausar, *extraparênteses* qual a personalidade de *Deus* (a Quem o Cosmo está inteiro entre os mesmos parênteses! Seguro, certo de si mesmo, perpetuamente livre das garras do KSE. Durante o retorno à normalidade, os trintados seguintes são preciosos... e Clausar desperdiça-os, pondo em ordem as idéias, filosofando e entusiasmando-se com Ansata:

- Tal qual sou e não sou meu corpo, e por dentro sinonimiza a por fora, Ansata encarna as personagens ou o conteúdo abstrato das danças com perfeição. Quando há enredo, e este é feliz, Ansata exprime-lhe a felicidade; se a história é triste, Ansata faz chorar! Se a rítua é puro som e técnica, Ansata subri nas passagens mais difíceis, onde as outras bailarinas demonstram o esforço; e tudo se torna fácil, igual aos pássaros é voar! Sim! Existe a perfeição! Ela pode ser atingida, tanto faz se pela imperceptibilidade dos defeitos (isso ocorre nos melhores sistemas de áudio, quando o ruído e as distorções ficam abaixo dos limiares perceptivos) ou se só aceitarmos a expressão absolutamente perfeita. Em Ansata, a arte da dança não depende da rítua para exprimir-se: se suprimirmos tudo, e restar o movimento dessa bailarina, continua a restar a perfeição! A arte em primeiro grau, a Arte máxima e divina!

E, ainda assim, a Rítua... Oh, Rítua! Ao dar-me conta da Rítua, a mente expande-se-me... e o Ky eleva-se-me do corpo! Pouco mais, e o coração bate-me forte, em profunda paz... e engatilha-se, ao jeito dos antigos geradores eletrônicos, pulsando na divisão exata dos compassos! Sou um só com a Rítua! Um só com Ansata, voando com ela em seus passos eternos!... E agradeço por Ansata existir! Peço a Géó: “Abençoe-a! Conserve-a! Faça-a saber! Faça-a eriar-me o voto! Abençoe-a! Dê-lhe todo o seu Géon, pois ela transmite o mais puro Bem! Faça-a saber! Abençoe-a!”. Agradeço por estar aqui, por experimentar a Verdade superna, manifestada em Ansata! Se isto é minha primeira Iniciação na Ordem Rodotrígonal (e decerto é), como serão as seguintes?!? E...

Controlada na região dos camarins, a barreira posterior não possui porta, ninguém a flanqueia nem vaza embaixo, e apenas quem escalasse os degraus atrás a sobrepunha. Com a barreira posterior arriada, chega-se da platéia aos toucadores dos artistas exclusivamente por fora do prédio.

- Puxa gédia! Aqui assentado por megaspectros, citerior à cortina, pasmado, idealizando Ansata... esqueci-me da kena verdadeira, ulterior!!! - O enk abandona o paletó branco junto ao libreto; ergue-se da poltrona; corre para os confins almofadados, umbrosos e anecóicos do auditório vazio; vara os sobejos misturados dos perfumes acres das matronas emproadas; afasta a cortina espessa; atravessa a passagem de arco abatido; penetra o passadouro marmóreo, lúcido e reverberante; despenca-se, alígero, pelas vastas escadarias de pedra atapetada; descende sob a pêndula faiscância de gravífico lustre; ultrapassa o imenso, *enfrataxiado*, fresco e inodoro átrio; transpõe a porta alta de fina madeira auribranca e cristal lapidado; cruza o amplo vestibulo de arquitraves apoiadas em estátuas lúmidas; ladeia as esculturas alegóricas e sai pelo portal de grossas grades negras, unidas por anéis soládicos.

Cinco funcionários amuados e sonolentos apagam os géons primários, transitam para o lado de fora, trancam o portão principal e vão dormir no lúgubre alojamento adjacente. O teatro alaga-se em penumbra, banhado no géon indireto e difuso das luminárias de guiamento, engenhosamente inseridas nos mais variados esconsos.

O enk percorre para a direita o patamar das escadarias, debaixo dos iriães dos deuses e das deusas transfeitos em colunas; esquia pelos largos corrimãos graníticos; precipita-se de pé na calçada da avenida; atalha entre chafarizes (onde a líqua jorra, explui, saltita e baila); volteia a toda os monumentos de outros deuses; contorna o Teatro de Rio de Luminância; assusta os transeuntes dessa alta nôhada; evita os gotejos das gárgulas das

calhas, lá em cima; nota-as mais carrancudas (aviltadas em sua centenária nobreza com a exsudação do condicionador de ar) e divisa o portão póstero-exterior da severa casa de espetáculos. Soberbas, no tabuleiro de pequena escadaria pétrea, as duas ponderosas portas de madeira esculpida cerram-se pela antiga e coesa fechadura de írion, engonçadas em inabaláveis quícios.

Clausar grimpa os degraus e bate os punhos fortemente contra as poucas partes lisas das almofadas lenhosas do portão sem aldravas, entre as carantonhas dos seres mitológicos. Intermináveis trânticos esvaem, afinal o trinco rota; e uma das folhas entreabre para dentro, vaidosa do rangido de seus maciços gonzos trabalhados.

- Ansata! Preciso iriar Ansata!

- De quem se trata? - indaga o guarda de uniforme pardo, com feição de sono e de poucos amigos.

- De Clausar Rasek Cromat Geócton, o técnico responsável pelo projeto PSID e a acústica desta casa.

- Venha amanhã, no horário comercial. O expediente encerrou. Ninguém perlumia aqui. - e o soníloquo sela o portão.

Clausar *rebate*, redobra a géa dos punhos; e nada de resposta, senão a de um dos nadas entre os nadas: - Nada! - A recentíssima iniciação interior na OR não abriga o espírito do enk contra as vicissitudes da gédia: o geóctone circunvaga os írios e atenta em dois lampiões metalescentes a imitarem tochas, instalados nos balaústres lapídeos dos mainéis da escada.

Clausar engalfinha o elegante pedestal de írion da luminária da direita, imprime-lhe a géa muscular inteira na ponta do poste delgado (logo abaixo do frátax refrator da lâmpada), calça-lhe com

baixo do balcão, sem preocupar-se em amordaçá-lo: não questiona se eriam ou não, deseja garantir-se contra novo ataque traiçoeiro. Clausar joga a clava para um canto sombrio, onde as sombras hospedam quem, uma vez, luziu (triste estrela de todas as lâmpadas).

Caras medrosas de enks assanham-se no rombo do portão, pois as ruas centrais de Rio de Luminância não se esvaziam. Mais dois guardas irrompem de dentro da sala seguinte, pela passagem dilatada e sem portas.

Governado até esse estato pela urgência, Clausar transforma-se. O verniz de civilização segue o mesmo destino do polimento de iniciação, e o geóctone transmuda-se no enk da selva. Um subriso de prazer animal deixa entreiriar o rebrilho dos dentes... e, em silêncio, a fera investe.

Clausar enfrenta o guarda mais vizinho e adere-se-lhe ao corpo quadrado. Forte, corpulento, grosseiro, animoso; com animosidade, o contendor assesta mãos pesadas e desfere um murro curto e rápido, mental obtusidade visando a ponta mental do enk. O punho compacto nada intercepta exceto o deltóide sólido de Clausar. A mão do guarda se abre para unhar qualquer coisa, acha o linho da camisa branca e fecha os dedos nele.

O geóctone marcha e (com tração firme de tratoggon de esteira em giaplenagem) impele o guarda sobre o parceiro e arroja os dois contra o balcão. A mão rude rasga e arranca a camisa do enk. Cada vez mais, Clausar semelha ele mesmo, o entropóide da mata, anterior ao enk da caverna, das eras pregressas ao domínio do árion.

Fruto da pressa dos ritmos atuais, o balcão não frui a resistência das estruturas antigas do teatro; e rompe-se-lhe a madeira fina, pregada em caibros frágeis. Os dois guardas e os estilhaços eriçados chovem naquele maniatado; e ele acorda, zonzo.

Da aglomeração de enks e kenas na porta, três mais afoitos, dispostos a estearer a ordem simbolizada pelos uniformes dos guardas, entram no recinto, meio ressabiados, relativamente determinados com a numerosidade, e acometem.

O enk não muda de posição: persiste na atitude, joelhos envergados, centro de gravidade rebaixado, pés coas pontas obliquadas para dentro, mãos em riste, um braço alinhado em direção aos três guardas no chão, outro recolhido para golpear. Somente a cabeça enviesa para os três novos oponentes, e os írios preservam o tom de sempre, inalterados.

Súbito, o ataque dos populares deflagra, e Clausar ruger um bramido geível em sua direção! Incrivelmente, isso basta para atemorizá-los: recuam e debandam aos atropelos, colidindo com os espectadores no portão. Estes, em vez de ampararem os desertores, arroubam-se coa presença de espírito do enk e gargalham, “ajudando” os medrosos com pontapés e apupos, bem escandidos:

- Frouxos! Covardes! Poltrões! - e assaz outros, mui piores:
- Cépu!!! Seus bálatra! Cépu nus teus órbicu!

O par de guardas desamarra os pulsos do confrade implexo, e três uniformes pardos constituem-se perante o enk descamisado.

Nenhum deles se abalança. Transferem isso a monstuoso camarada em traje de passeio, sobrevindo para a troca de turno e egresso do meio da pequena multidão crescente na rua. Ele revela-se de chofre, como o ventura rex por entre as flexíveis e longas folhas das gramíneas estépicas de Géa. Os risos embaciam, e a tensão se exalta.

Clausar mantém-se imóvel.

O bruto progride, com a certeza pachorrenta e enfasiada dos profissionais. Os três outros guardas resolvem cooperar e adiantam-se, estreitando o assédio.

Sinritmizados pelos quase imperceptíveis sinais dos írios, entreluzindo e matizando-se na umbria, os quatro atrevem-se, e o elo restringe-se para cercear o geóctone.

“Quase imperceptíveis” não significa “imperceptíveis”: os sinais suscitam um movimento de Clausar, tão perfeito e belo como os de Ansata e Nysio Degan. Com a géa represada de quem acaba de assistir à mais plena série de atitudes corpóreas possíveis a um enkóide (ou coa géa atávica das bestas selváticas), o enk se agacha, entesa a perna direita e volve-se, na ponta do pé esquerdo, qual um compasso raso.

O geóctone rasteira dois guardas nas canelas, derriba-os de lombo no chão; e a dupla queda ali, intimidada, tentando subtrair-se aos prováveis golpes subseqüentes.

Sem interromper o ímpeto, Clausar vira de bruços, baseia as mãos no pavimento frio e acrescenta a perna esquerda ao compasso, circulando e abrangendo raio mais amplo, com maior inércia.

Desta feita, as pernas do enk tocam os calcanhares do brutamontes; o colosso desaba, esmaga o guarda liberto; este desfalece e não se arvora mais. Nova manifestação dos torcedores, todos francamente convertidos a favor de Clausar:

- Eia!!! Dá-lhe pancada!!! Mete-lhe a bordoadá!!! - e da mesma fonte ortótropa anterior: - Chuta no burgo!!! Eli bota os búrbo pras boca!!!...

O povaréu engrossa, e principiam a afluir robocars da imprensa, da polícia e robolâncias.

Com agilidade surpreendente para a massa corpórea, o mostrengo apruma-se e pontapeia a face de Clausar. Em lugar da face, o pé descomunal topa duas garras, habituadas ao trabalho árduo de serrarem e parafusarem acustaedros, e precisas, afeitas à construção de espelhos de astrubos. Uma das mãos de Clausar aferra a ponta do pezunho; a outra, o calcanhar. O enk escapa de um *rabo-de-pterstíngea amarrado* e torce o apêndice podal do guarda, com rapidez e torque.

- Créc! Tlác! - estalam ossos e tendões.

O grandalhão berra de dor, cai sentado; e Clausar ministra-lhe estatâneo chute na boca. A magna cabeça esbarra no chão; empertiga-se, írios zonzos; recai... e seu dono peregrina ao mundo dos sonhos, risonho e feliz.

Os dois guardas conscientes não se arriscam a intentarem novo confronto: desamparam ambos os cômpanes derreados e arremessam-se ao populacho no portão, preferindo sofrer-lhes as pequenas afrontas; desse lado, atrairão reforços.

Géon de lâmpada forte clareia o lugar; sotoposto, reluz o írio de frátax e pulsa o indicador rubro da câmara *teleirial*. A cena transmite-se ao gédio em rede nacional no Jornal do Cubo, o mais arrogante noticiário lúmio de Teruz, órgão eleito pela Télia Cubo de Teleimagens para formar opinião e conduzir os gordos zumbis consumistas a seus desígnios, sempre fascinantes, ora simpáticos e éticos, ora discutíveis.

Com aquele esgar feroz nos lábios, o semblante de Clausar aparece por toda parte... como no vídeo de um robocar alvíssimo,

longo e luxuoso, em célere trânsito no subúrbio mais tenebroso. No banco de ré viajam três pessoas; e, das duas de sexo masculino, uma ordena:

- Volte. - o robô estaciona a limusine no acostamento e obedece.

Mais géons se acendem e ascendem no teatro, atarraxados em todo tipo de estrutura, arranjada à pressa ou da profissão. Repórteres ousados singram o mar de genk e impregnam a trascâmara, câmaras focalizadas em todas as direções, mormente a de Clausar.

Policiais fardados de azul-escuro espalham a turba; o povo tempestua, refluí qual líquua empuxada coa mão, e nisso consome ritmo; o suficiente para Clausar piruetar, retrogradar, pular os dois guardas desacordados e embrenhar-se na casa de espetáculos. O enk conhece as dependências na retaguarda do palco e voa ao corredor dos camarins, onde supostamente entreverá Ansata.

Outro guarda, o vigia do telhado, atendera ao tumulto, descera, emboscara e agredia o enk, no início do corredor. Clausar desequilibra-se com o impacto inesperado e especia-se no piso, mãos retroversas. O enk afirma o cocuruto no chão, espicha as duas pernas no ar e cinge a cintura do agressor; pois o raio de ação não inclui o pescoço, alvo fundamental desse golpe de *teruzango*.

O geóctone entrelaça os pés, flexiona o abdome e iça os braços. O peso coage o vigia a vergar para vante, procumbir; e Clausar percute os antebraços no chão para amortecer o choque das vértebras. O enk estica a esquerda, estrangula o guarda, e espanca-lhe o nariz de um lado para o outro, com os nós dos dedos da destra.

Os braços do vigia não excedem o tórax de Clausar: seus socos incidem na solidez dos peitorais contraídos do enk, sem causarem dano. O geóctone descinge os pés, finca-os na cintura do antagonista, traciona-lhe os braços, exalça-lhe o corpo e repele-o para trás de si. O guarda tomba ressupino e revira-se lesto; ambos se erigem e se encaram.

Despertados no alojamento contíguo ao teatro e chamados pelos dois fugitivos, os cinco funcionários da portaria apropinquam-se com seus trajas pardos, para os substituírem na luta.

O opositor do enk frende, inicia novo lance; e Clausar indigita seu índice direito às ventas dele, zombando, com ar de extraordinário desprezo. O atacante estaca, esfrega no rosto a mão, e ela ensangüenta-se. De imediato o vigia tonteia, empalidece, desmorona; e o grupelho susta-se para socorrê-lo. O menor dos cinco guia o ferido à rua e traslada-o de robolância ao enkikome cercão, para juntar-se às baixas anteriores.

Na pausa, Clausar acerca-se dos camarins.

Em substituição a deter-se no objetivo, o geóctone galga a escada vertical de írion mais próxima, assoma à plataforma superior da caixa do palco e liga o *console* de áudio do *sistema de retorno*, cujos acustaedros sonorizam o âmbito dos músicos. Montada no Laboratório **CRCG**, a mesa psídica responde aos comandos; os dedos hábeis de Clausar tateiam-lhe os controles, e arrepios imateriais de prazer deslizam-lhe pelo revestimento plásmio do painel laminado.

Ruídos de passos, de aço temperado talhando írion, de rude manipulação de iriamentas e outros indícios típicos de arrombamento brotam ali, lá, acolá, no porão, nos sótãos, dum lado e doutro.

Abordam o palco seis policiais, desobrigados do encargo de refrearem o povo; com os quatro guardas do teatro em condições de combate, adentram os bastidores e perseguem o barulho. Pospostas, surgem as câmaras de teleimagens; *registram* sem os géons, pois estes exigem cabos, e os existentes não se desenrolam tão longe da rua. Os aparelhos alargam os diafragmas, haurem a cena e enviam-na às emissoras com nuança avermelhada. Os repórteres e a equipe técnica limitam-se a sua atividade e não interferem na refrega.

Clausar entremostra os dentes no subriso cruel, configura a reprodução em comando remoto, destaca o controle manual da mesa (requintado anel com *microchaves* e *micropotenciômetros*), enfia-o no dedo médio esquerdo e, silencioso qual hýpna sínua botórsia, resvala por uma corda grossa no canto mais recôndito. Um dos policiais, esperto o bastante para postar-se aí, repara na oscilação da corda, pega-lhe a ponta, perscruta as alturas, enxerga trevas e, na dúvida, clama, para os colegas acudir.

Clausar se prevalece da tensão da corda e utiliza os músculos para reascender rapidamente. Certo de encurralar o invasor, o policial balança o enk iniriável.

No mais amplo dos vaivéns, o geóctone garreia o cabo de aço trançado do elator da barreira posterior. A superfície engraxada força Clausar a escorregar em hélice e grudar coas pernas ao velpruno grosso do cortinado lateral. O enk desagarra o cabo viscoso, limpa as mãos no tecido, revolve rápido o corpo, envolve-se qual lagarta de belbellita na folha e imobiliza-se a meia altura entre o topo e a barra.

Íferos às palas dos quepes das duas fardas, dez pares de írios esquadrinham o local sombroso, e o enk aproveita para acionar os *microcontroles* do anel e comandar a mesa de som. O

micropotenciômetro panorâmico gera bulício na raia oposta do palco; e os perseguidores, atônitos, convergem àquele lugar.

Agafanhado no rebordo da fazenda, o enk desembrulha-se, decai, pisa em silêncio no tablado, sonda o redor, telecomanda a mesa e provoca estrépitos no ponto contraposto e culminante das coxias. Os guardas do teatro e os petrechados policiais dirigem-se às escadas desse lado e trepam-nas, todos a toda, no vestígio do invisível.

Solto por alguns trânticos, Clausar deriva com leveza de elasto ao vazio corredor dos camarins.

Sob írias brilhantes de metal polido, várias portas exibem os nomes dos artistas recentemente acolhidos, e uma difere: certo soládico signo consiste na única identificação; ignota aos sentidos corpóreos, e misteriosamente familiar, Clausar não se delonga para ler outras:

“- É esta!!!” - estronda na mente geóctone, ao contemplar a cruz terminada em alça. O enk anuncia-se delicadamente por toques na porta; e o contraste coa violência daquelas pancadas no portão reverbera mais o som, no silêncio da excelente acústica.

O brilho áureo do símbolo esmaece: a sombra emana-lhe do centro, alastra-se-lhe aos dois braços, ao pé e à ansa. Clausar pisca várias vezes, coíbe a iriação; e o fulgor do emblema normaliza-se. Indiferente ao risco, o amargurado geóctone pensa em desfazer-se do anel de controle remoto; e o instrumento vibra-lhe no dedo, qual se dissesse para não o desdenhar. Clausar retém maquinalmente o dispositivo e pronuncia em voz alta:

- Não está! Ansata já partiu! Meu Géó!!! Onde poderei encontrá-...

- Na cadeia, o seu lugar! Mãos na cabeça, ou lhe passo a *bistura!* - Em meia-volta, o enk cumpre a ordem.

Pistola AGEER de árion contínuo (*afótoma* de géon cortante) orientada firme coa destra, ícone abrasado indicando prontidão, o troncônico vulto de uniforme azul-escuro expecta, a distância comedida. Retro da figura, ninguém. Os prévios seis agentes da polícia e os quatro guardas do teatro perseveram na perseguição infrutífera pelas traves altas do urdimento; esse sétimo policial comparece de fótoma em punho ao foco da peleja, pois a multidão se acalmou, e não urge contê-la.

O enk estimula-se: não aceita a insolência, e ressurge a fera. Despercebido, Clausar circunvolve com o polegar esquerdo os controles do anel para o lado interno da mão, distingue o botão de ganho, comprime-o e sustém a pressão. A amplificação da mesa de áudio aumenta rápido. Instaura-se a retroalimentação acústica, e esta excita os circuitos de rejeição. O enk prolonga a compressão do microcontrole; a amplitude do sinal incrementa-se e suplanta os recursos de discriminação psídica. Estabelece-se o *Efeito Nesral*.

Em dois trânticos, a sensibilidade aos transdutores de entrada evolve, altíssima, aprisiona o ruído inaudível dos acustaedros, amplifica-o, emite-o pelas caixas de som, realimenta-o; e um silvo pungente desenvolve-se. O sinal renteia o limiar de gatilho; os compressores-limitadores **CRCG** agem e resguardam o sistema contra sobrecarga.

Clausar preme outro botão, ajusta o limiar afora da folga para os picos dos *transientes* analógicos (o *headroom*), extrapola o nível de *saturação*; e isso anula os limitadores.

Um apito ensurdecedor constrange o policial a levar a mão esquerda e o ombro direito aos érios, tapando-os, enquanto mira, vacilante.

O enk enconcha os próprios érios coas mãos, sem privar-se do controle do anel. Ággelos desasados nas alturas, os dez acossadores a custo não se estatelam no tablado, cabalmente desnoriados. Para não aluírem, os seis policiais desempunham a esmo as armas AGEER; e elas abismam-se.

Érios cobertos, o geóctone avança, desvia-se de um raio à queima-roupa e pespega violentíssimo chute frontal com o bico do peripasso no pulso do sétimo policial, mandando-lhe a fótoma às alturas. Ato contínuo, Clausar tecla a série apropriada de sinais no controle remoto e desliga o sistema de áudio, salvante a portadora de intercomunicação coa jóia anular. O ruído cessa abruptamente. O enk subri; tira as mãos dos érios; igual o genitor orgulhoso oscula o filho dileto, beija o anel; cospe-o, para lubrificá-lo; desenrosca-o do dedo e deita-o fora. Mais tarde, facilmente os técnicos depararão com esse micromanipulador de áudio, *rastreando*-lhe a emissão portadora. A pistola AGEER quedo e quedo sobe, traça a parábola, despenha-se; e Clausar agadanha-a no ar.

Atônito e dolorido, o policial acoberta o pulso machucado e não revida.

Clausar regula o AGEER para a máxima intensidade, aponta-o à cortina de aço e dispara-o, sustentando o árion e circungirando o braço em cone. Em meio a turbilhões de fagulhas laranja, grande buraco redondo desabrocha na barreira. O enk rodopia pelo palco, arrecada as seis armas do chão, despeja-as numa fenda do tablado para o tetro subsolo, conserva a fótoma, projeta-se no ar, mergulha no rasgão da barreira, cambalhota habilmente na penumbra do lado contrário, emerge estataneamente de pé, desloca-se a toda e...

- Blam!!! - desmantelado pelos guardas no travejamento, um cenário rui, quase acerta a cabeça de Clausar e barra-lhe a passagem. O enk planeja o caminho pelos lados da pintura imensa, e...

- Blam!!! Prááááá!!! Bléém!!! - tempestades de bambolinas, bastidores, refletores, acustaedros, contrapesos de areia, escadas portáteis, boa parte da manobra e outros aprestos teatrais, rojados do alto, obstruem a fuga do enk.

A cortina de segurança frontal começa a declinar, lentamente.

Derramam-se per cordas os seis policiais e os guardas do teatro. Sete enks da lei e quatro funcionários da casa de espetáculos sitiam Clausar. Os operadores das câmaras teleiriais borbotam pelo buraco na cortina de aço, pugnam bravamente para granjearem os melhores ângulos; e por fim avizinham-se os géons, alimentados por toscas *extensões*, manufaturadas na nôhada N.

Clausar espia de fora a si mesmo, qual um dos inumeráveis espectadores nas cômodas poltronas dos gedings; e o subriso expande-se-lhe igual verbo mesoclítico. Seus írios adquirem o tom da flama; ele embolsa a pistola AGEER e comuta defesa em ataque, ao administrar o cambapé num *engeador*. O técnico em iluminação derrui-se no tablado com estranho subriso, como se a situação o divertisse; e Clausar toma-lhe o potente instrumento geoso.

O enk direciona as seis lâmpadas e maximiza-lhes o controle de intensidade. Com cintilação de solda fotônica, um clarão cegante rutila; e Clausar mobiliza a fonte de géon branco em todas as direções, gravando máculas duradouras nas retinas dos circunstantes. Aparentemente ofendido, o engeador reenvida: hasteia-se, empunha o cabo da lâmpada e desconecta-o da géa.

Clausar transmuta o aparelho em clava e prostra um dos policiais, antes de estes se *desofuscarem*. O enk impulsiona-se, espeta no chão o suporte das lâmpadas, plana a três trezêmbilhos de altura com os pés avante, descreve o arco, atinge o *pomo-de-fot* de um policial, desarticula a mandíbula doutro e arrasa-os, inertes,

no tablado. O geóctone despede a vara atlética *de última nônada* no termo da trajetória e agiena, embarrando o quarto policial.

O enk furta-se a um golpe de cassetete, agarra o instrumento de ataque coas duas mãos; e o dono deste reproduz o gesto. Nós de músculos intumescem-lhe no peito lato; Clausar gira de costas, sobrepõe as mãos coa ponta do objeto à própria cabeça, completa o giro e puxa-o. Braços empenam-se dentro de mangas azuis; o policial grita de dor, derruba o *gálex* e retrai os pulsos em xis. O geóctone expede longe a arma, fita os írios do adversário, aplica-lhes (bem no meio) um direto de direita e nocauteia-o.

Clausar dribla os quatro guardas do teatro (inermes e *insagazes* na luta) e arremete contra a tríade de uniformes azul-escuros remanescentes, para arrostar-lhes os portadores. Mal recuperados da cegueira, os três policiais vagueiam para o enk.

Ao aproximarem-se, Clausar alonga-se, roda no chão e interpõe-se no caminho dos ofensores. Os policiais tropeçam, esborracham-se; e o geóctone, pronto de pé após eles, levanta a roliça haste de madeira de um bastidor e sua paisagem. A corrediça empina além dos joelhos, nivela-se aos ombros e superpõe-se-lhe qual til à cabeça; nesse exercício de massafilismo, expõem-se os grossos feixes musculares braquiais e torácicos do enk, fibras atuando em harmoniosa coordenação, submissas à vontade de írion.

Cobrindo a cabeça por estatos coa lona pintada, Clausar descai a trave de madeira ao rés da nuca, encolhe pernas e braços, distende-os com ímpeto, atira o regulador e enreda os policiais. Ocultos no véu, os três debatem-se por alguns trânticos; as protuberâncias indicativas da localização de seus crânios recebem cada qual o respectivo pontapé, e os cérebros abalados adormecem-lhes. Sob essa derrota, todos os sete enks da polícia jazem fora de combate.

A meio curso, a cortina de segurança frontal reduz o intervalo e, no furor do conflito, demora eternidades.

Prensado entre os corpos derredor, Clausar não se arreda dos quatro guardas de uniforme pardo. O enk distribui cotoveladas e joelhadas para não o pearem e forceja, para brechar o cerco ou conseguir empuxo e expulsar longe os quatro de uma vez, como os heróis fabulosos das seqüegéticas.

Repentinamente, os guardas murcham; e o enk endireita-se, de pé, com os membros inferiores enfeixados entre oito canelas! Surpreso, o geóctone explora o redor e vê o engeador subridente, vitorioso, segurando a ponta do cabo grosso, com o qual enrolara as dez pernas! Sem detença, o ajudante inopinado chicoteia e afrouxa o cabo (ofertando ritmo a Clausar para escapulir e sopear os guardas), depois finge leais desculpas à corporação, por atrapalhar a captura “sem querer”...

O enk compreende a atitude cavalheiresca do engeador (o postremo de quem esperaria auxílio), ri-lhe sinceramente (írios soládicos, tricorrugadores nítidos, dentes perfeitos), flexua e safase da corola ressequida de corpos. Clausar percebe: por certo o profissional não cogitara de privilegiar a audiência de sua emissora: patenteou gesto nobre, vingança altiva em feitio de apoio, fruto do respeito pelo combatente solitário e, essencialmente, ato de viril prazer por lutar! Sem dúvida, nas artérias do engeador palpita o sangue da Idade remota dos ekuleiros andantes; ou o perito iluminou-se, de tanto lidar com géons...

Sem retardar, para presumir se triunfaria sozinho ou não, Clausar vale-se da confusão, alça-se de mãos espalmadas no ar, enlaça uma corda, pendula, sobrepaira aos embaraços, desprende-se, rola de lado no tablado e escoo, no estato supremo, roçagando a orla da barreira anterior. Ela veda-se, quase sem ruído, obsta

o berreiro e reergue-se morosamente, religada pelos guardas possessos. A gritaria rebrota na abertura.

Prazeiteiro, o enk regira té a fimbria do proscênio, cavalga o rebordo acolchoado, apeia ao chão carpetado da platéia, galopa até a porta de entrada do auditório, repisa a escadaria, saca a fótoma do bolso, alveja a fechadura da porta principal, derrete-lhe o írion, despoja-se dos peripassos, reveste com um deles o trinco aquecido, retesa-se com géa, soabre o denso portal e evade-se para a rua. O primeiro, fumegante e retorcido; o segundo, carente e desconsolado; peripassos marrons repousam no carpete.

Na esteira do enk, retinem os ecos da vozearia de dentro do teatro, e Clausar casquina: alguns brados demonstram júbilo; e, entre eles, crepitam aplausos. Das janelas dos edificios à volta (onde os moradores solitários do centro da cidade compartilham o câmbio simultâneo do colorido das telas teleiriais) o geóctone escuta rumor crescente e grave - igual o dos espectadores dos prélios esportivos, a fremirem, quando seus times marcam o tento da vitória...

Veloz nos pés descalços, Clausar desaparece em meio à lúmia. Os robocars da polícia e da imprensa ziguezagueiam a esmo, ruidosos, encalçando a calça clara no escuro; e nenhum avista o fugitivo, escondido entre o manto e a túnica da grande estátua metálica de Ky, a deusa, um dos monumentos ao redor do teatro.

Computando os três populares desbaratados com o simples urro, os sete policiais e os dez guardas do teatro (entre eles, o vigia do telhado), resultam vinte contra um; e Clausar venceu. O engeador obsequiou o geóctone e não conta entre os enks subjugados, nem o guarda reprimido no auxílio dos companheiros. Os outros presentes captaram a imagem e o som, para propagarem a milhões aquela façanha do Beldo: a géa tremenda de um enk em busca de uma kena...

Os seguidores descobrem seu alvo (a derradeira peça da indumentária de Clausar) vestindo as pernas da figura aérea e soládica do deus Cor *Jalne*, longe da estátua de Ky. O artista criador do grande conjunto escultórico forjou o corpo metálico da deidade em vôo horizontal, com os apêndices do tronco e as asas livres no espaço, uma das mãos roçando o Anel das Cores em torno do planeta Géa; e não se demarca o ponto de fixação, habilmente disfarçado entre a mão e o Grande Órbico. Um repórter marinha pelo monumento, despe o nume e ostenta o duvidoso troféu em presença do chefe da polícia (aborrecidíssimo no puído traje civil, escorado num robocar negro e amassado, com robô desbotado e *caírio*, placa de licenciamento falsa e suja).

Clausar jamais usa *orbecas*, pois preza a integridade de suas gônadas e não as coloca fora da posição, da pressão e da temperatura a elas destinadas pela Natureza: absolutamente desnudo, o enk espreita, por várias nônadas, a azáfama dos policiais, dos guardas do teatro e dos repórteres pertinazes. Aos poucos, todos os perquiridores retiram-se, desanimados coa investigação infrutífera; e um latíbulo não pesquisaram: a reentrância da capa de Ky...

Sem móveis, a população curiosa dispersa-se; e Clausar pondera: “- Fadários... Futuríveis... A esta nônada, todos sabem o nome do autor da façanha no teatro; e, mesmo se ignorassem, perdi o essencial: não alcancei Ansata nem contatei a Ordem Rodotrígona. Permanecendo aqui, o lusco-fusco da alvorada facultar-me-á a acossar algum miserável, obter vestuário, pedir-lhe perdão e fugir para Selvespessa. Naquelas plagas, quamnum me reconhecerão, e... Não! Se proceder assim, não colimarei novos rumos, súcubo do Destino, e jamais atinarei com minha meta. O caminho para Ansata e para a OR só se aclarará no extremo de uma senda reta!”.

Resoluto e tranqüilo, íncubo do Futuro, Clausar esgueira-se do esconderijo, retrossegue até englobar toda a forma no campo irial, então pára e estuda a estátua.

A animação de Ky descongela-se do estado consolidado pelo escultor e prossegue: a deusa subsulta, ala-se na ponta dos pés, voluteia no ar e pausa, estresindo um dos gestos de Ansata.

O geóctone submerge a fótoma na líqua basilar de um chafariz e meneia galante mesura à diva. A entidade metaliforme parece sorrir e reassume a impassibilidade.

O enk enfita o Lúmen recortado de arranha-céus e observa o nascer de Prânia cheia: o claror do pran apoja e perfura a poluição. Amareleja o ar; e a superfície líquida resplandece esplendores undiflavos na pele de Clausar.

No decurso da luta, a hipófise produzira e liberara na circulação do geóctone a *enkorfina*, hormônio *adrenocorticotrópico* dos enkóides; o córtex das supra-renais reagiu com $C_9H_{13}O_3N$ (de efeito remotamente similar ao do KSE), e sobraram laivos.

Psique tepidamente lépida; frio reflexo de sol em flor amarela, na fresca da primavera; Clausar gediancia profunda Paz do Agora por um trântico, empós se empolga coa existência, e intenso estro o invade.

Impressentidamente, provinda de lugar incógnito (porventura de Rá, no outro hemisfério celeste; ou do núcleo de Géa, enciumado de Prânia; ou da plúmea deusa *Violeta*, transmigrada do Extasium para o corpo da décima primeira estátua do conjunto escultórico dos deuses Cores), soa a advertência contra a soberba: “- Não se entusiasme, ó enk, septicêmica espécie de um Cosmo agonizante: prânias cheias beiram o eclipse...”.

A déia (intitulada *Violência* por alguns e representada com o dedo nos lábios em aviso de silêncio) agiganta-se. Clausar chasqueia de Violeta: quem tem Ky consigo nada teme doutras deusas.

Nu, Clausar perambula despreocupado pelo meio das vielas transversais e defronta a edificação sinistra da polícia, com o descomunal dístico preto na parede branca.

No teatro, ao final do espetáculo, o geóctone consentira à razão dominá-lo e desperdiçou a grande oportunidade da gédia: organizava idéias, em vez de saltar da poltrona e procurar Ansata imediatamente. Durante a última dança, Clausar não superara a emoção e não acorreu para aguardar a divindade no camarim!

No mundo exterior, nenhum acesso se descerra ao êxito, senão a porta de grades para o interior da prisão.

O geóctone ingressa no ambiente da delegacia e apresenta-se ao oficial no balcão, ante írios estupefatos.

Silente, Clausar estende os pulsos para as algemas...

(FIM DO CAPÍTULO “NU”)